Revista da ANPEGE. v. 17. nº. 32, p. 244 - 258, ANO 2021. e-ISSN: 1679-768X
https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege. // DOI 10.5418/ra2021.v17i32.12473

GEOGRAFIA BRASILEIRA, PODER, GÊNERO E PRESTÍGIO CIENTÍFICO

BRAZILIAN GEOGRAPHY, POWER, GENDER AND SCIENTIFIC PRESTIGE

GEOGRAFÍA BRASILEÑA, PODER, GÉNERO Y PRESTIGIO CIENTÍFICO

Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar
Joseli Maria Silva

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo compreender o gênero na composição das relações de poder da produção científica geográfica no Brasil. Para isso foram analisados 17.636 artigos científicos de 90 periódicos *online* da Geografia brasileira no período de 1974-2015 e também a composição dos corpos discente e docente de 60 programas de pós-graduação brasileiros. Além disso, foram analisadas as ementas da disciplina de epistemologia da Geografia que compõe o projeto pedagógico dos referidos programas. Constatou-se que os homens detêm maior prestígio acadêmico e que usufruem dessa posição pelos traços androcêntricos que são mantidos nas práticas do fazer científico, bem como nas concepções teóricas.

Palavras-chave: Geografia; Epistemologia; Gênero; Poder

ABSTRACT:

This paper aims to understand gender in the composition of power relations within the geography scientific production in Brazil. To reach this objective, 17,636 scientific articles from 90 online journals of Brazilian Geography were analyzed in the period 1974-2015 and also the composition of the student and faculty bodies of 60 Brazilian graduate programs.. In addition, the content of the subject Geography Epistemology that was included in the educational project of those programs were investigated. Our results pointed out that men achieve higher academic prestige and that they enjoy this position due to the androcentric characteristics which are still kept in the scientific practice as well as in theoretical conceptions.

Keywords: Geography; Epistemology; Gender, Power

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo comprender el género en la composición de las relaciones de poder en la producción científica geográfica en Brasil. Para esto, se analizó la producción de artículos científicos de 90 revistas on-line de la Geografía Brasileña en el período 1974-2015 y también la composición de los cuerpos de estudiantes y profesores de 60 programas de posgrado brasileños. Además, se analizaron los menús de la disciplina de epistemología de geografía que conforman el proyecto pedagógico de estos programas. Se descubrió que los hombres tienen mayor prestigio académico y que disfrutan de esta posición debido a los rasgos androcéntricos que se mantienen en las prácticas de la práctica científica, así como en las concepciones teóricas.

Palabras-clave: Geografía; Epistemología; Género; Poder

Introdução

A ciência, apesar de toda a aura de se constituir como um conhecimento superior da humanidade, é realizada por pessoas comuns, de forma concreta e cotidiana, tensionando uma série de elementos que a compõe. Hierarquias, distribuição de recursos econômicos e simbólicos fazem parte do jogo científico. O fazer científico envolve sujeitos que são corporificados, sendo que um dos aspectos mais importantes das representações corpóreas é o gênero. Portanto, este artigo tem como objetivo trazer para o campo de discussão a compreensão do gênero na composição das relações de poder da produção científica geográfica no Brasil. Nota-se que neste caso em específico, as análises concentram-se no recorte temporal de artigos produzidos no ano 1974-2015, em 90 periódicos *online* da Geografia brasileira, os quais estão armazenados no Observatório da Produção Geográfica Brasileira.

Com base na ideia de geometrias de poder de Massey (2000), o artigo traz dados que estruturam a Geografia brasileira de modo a constituir hierarquias de representação simbólica e conceitual masculinizadas. Para Massey (2000) o poder não é concebido no campo entre dominados e dominadores, mas em um jogo em que se deflagram limites do poder e resistências, estabelecendo a interdependência entre os componentes.

Assim, este artigo foi elaborado a partir do trabalho desenvolvido na dissertação de mestrado e por fim, na tese de doutorado. A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi pensada perante uma coleta de dados em [41]60 programas de pós-graduação em Geografia no Brasil que constavam na Plataforma Sucupira no ano de 2017. Desta base informativa tornou-se possível sistematizar os dados coletados (discentes, docentes, coordenadores de programa, ementas eletivas) e intercalar com reflexões acerca do conceito de gênero. Outro caminho metodológico percorrido refere-se as análises realizadas em 17.636 artigos coletados de 90 periódicos *online* classificados como sendo da área da Geografia no sistema Qualis-CAPES (2013-2015). Destaca-se que essa fonte escolhida é fruto de um trabalho realizado desde 2011 no Grupo de Estudos Territoriais (GETE)[42].

O último caminho percorrido diz respeito a análise qualitativa dos conteúdos das ementas das disciplinas dos 60 Programas de Pós-graduação em Geografia, onde foram analisados os discursos que permitiram a interpretação de como a geografia é narrada pela docência. A análise foi realizada com base nas técnicas de análise de conteúdo de Bardin (1977).

O artigo está estruturado em duas seções, sendo que a primeira estabelece uma discussão em torno da crítica da ideia de ciência como um conhecimento neutro e desinteressado, enfatizando o protagonismo masculino. Na segunda seção são evidenciados tanto a presença feminina na produção geográfica, como os traços androcêntricos que dificultam a promoção da visibilidade das mulheres nesse campo científico.

Poder, ciência e sujeitos epistêmicos

A ciência tal qual exercitamos atualmente é um tipo de saber desenvolvido com base em uma aura mágica de superioridade, como se houvessem seres humanos com capacidades superiores para promover a compreensão do mundo. Essa ideia de atribuição de poder a ciência está pautada na organização social, política e econômica da era moderna da Europa (MIGNOLO, 2004). Assim, a ciência é um campo de relações de poder como outro qualquer, conforme a perspectiva de Fourez (1995) em que pessoas produtoras de conhecimento disputam visões de mundo, recursos econômicos e prestígio estabelecendo hierarquias de diferentes contextos epistemológicos em um mundo globalizado.

Massey (2008) argumenta que a "globalização como uma sequência histórica não reconhece a coexistência simultânea de outras histórias com características que sejam distintas (o que não implica estarem desconectadas) e futuros que, potencialmente, também possam sê-lo". (MASSEY, 2008, p. 31). A globalização da ciência, ao contrário do que postula a autora, está pautada

pela ideia de evolução, em que há um percurso a ser percorrido pelas comunidades científicas estabelecendo uma ideia sequencial de 'evolução'.

Cada contexto epistemológico é constituído por elementos próprios, humanos e não humanos, instrumentos e culturas que criam sistemas de compreensão próprios, constituindo uma geografia da produção científica. Sousa Santos, Meneses e Arriscado (2005) argumentam que o desenvolvimento da ciência não manteve uma ordem simples, lógica, linear e evolutiva. Este processo oportunizou a conquista de poder e legitimidade social, apresentando um resultado de complexas relações econômicas e políticas. A ciência não é fruto do mero acaso, mas das ações humanas repletas de interesses e subjetividades. Segundo Morin (1996) a ciência possui uma capa de falsa objetividade e neutralidade na construção do conhecimento científico e uma enorme parte, escondida e desconsiderada de subjetividades.

A comunidade científica tampouco se organiza fora das relações de poder, como argumenta Fourez (1995, p.93), pois "a produção intelectual dos cientistas sempre será influenciada pelo seu lugar social de origem". Segundo ele, a objetividade pode ser entendida como não absoluta, mas relativa a uma cultura, sendo necessária a visualização que, além do objeto, há também uma estrutura organizada do mundo ao qual esses instrumentos pertencem.

A ciência como um saber racional tem como sujeito epistêmico os homens e as mulheres, sendo essas associadas à emoção e por este motivo, durante muito tempo, não foram consideradas aptas ao exercício da produção científica, conforme aponta McDowell (1999).

Segundo Fernandes (2019), que escreve sobre a história da educação feminina no Brasil, o espaço escolar não foi fácil de ser conquistado pelas mulheres. Segundo a autora, o sistema colonial estabelecido no Brasil excluiu as mulheres do processo educativo. Em suas palavras:

> As mulheres ingressaram na escola tardiamente e com formação voltada para os cuidados com o lar e a família. De acordo com as leis portuguesas, o sexo feminino fazia parte do *imbecilitus sexus*, ou sexo imbecil, uma categoria à qual pertenciam mulheres, crianças e doentes mentais. Essa ideia persistiu no Brasil Colônia, onde também eram comumente declamados versinhos como: 'mulher que sabe muito é mulher atrapalhada, para ser mãe de família, saiba pouco, ou saiba nada'; 'a mulher honrada deve ser sempre calada'; e 'mulher que sabe latim não tem marido, nem bom fim' – muitos dos quais encontrados na literatura de escritores portugueses do gênero masculino. (Fernandes, 2019, p. 1)

Ainda segundo Fernandes (2019) o ingresso ao ensino superior foi permitido às mulheres no Brasil em 1879, desde que apresentassem autorização por escrito do pai, no caso de ser solteira e do marido, no caso de ser casada. Mesmo oficialmente aceitas, o número de mulheres era reduzido, e é apenas na segunda metade do século XX que as mulheres passaram a ser expressivas nos espaços educacionais. Na década de 90 do século XX as mulheres ultrapassam os homens em anos de escolarização no país. Portanto, é possível afirmar que as mulheres possuem uma história muito recente na constituição dos espaços universitários.

Fazer parte de espaços educacionais representava uma longa batalha feminina, contudo, constituir-se enquanto uma pesquisadora foi outro desafio. Os embates feministas se agregaram às lutas sociais que se estabeleceram no mundo após segunda guerra e se somaram à emergência da crítica à ciência moderna promovida por cientistas que condenavam a forma eurocêntrica e colonizada da estruturação de saberes, conforme aponta Mignolo (2004).

As mudanças sociais, históricas e econômicas que ocorreram na segunda metade do século XX também atingiram o mundo científico, criando possibilidades de se pensar na pluralidade de formas de produção de saber. Sousa Santos, Meneses e Arriscado (2005) argumentam a necessidade de reconhecer a existência dos outros saberes, advogando contra o monoculturalismo autoritário, o qual negava a existência de distintas culturas e saberes. As mulheres são vozes fundamentais dos questionamentos à autoridade científica centrada na razão universal, neutra e objetiva. Mignolo (2004) afirma a importância das mulheres ao denunciar os privilégios epistêmicos masculinos e brancos nas estruturas de saber.

A ciência, durante séculos, se estabeleceu sob o domínio masculino que paulatinamente foi sendo desestabilizado. Leta (2003) em diálogo com Schienbinger (2001), apresentam isso no livro elaborado por H.J Mozan[43] em 1913 intitulado '*Women in Science*'. Em pleno século XX, os espaços de produção de saberes eram ainda pouco acessíveis para as mulheres, mesmo no contexto europeu

ilustrado, que já havia passado pela revolução industrial e ascensão da burguesia sob o lema da Revolução Francesa 'Liberdade, Igualdade e Fraternidade' em finais do século XVIII.

Mesmo assim, segundo Leta (2003), há registros de mulheres que contribuíram significativamente com a produção científica. A autora evidencia a importância dos laços familiares das mulheres para participarem do mundo científico, apesar das resistências morais acerca das habilidades intelectuais femininas. Para Leta (2003) a participação de mulheres em meio científico só era possível excepcionalmente, e em geral sua presença ocorria pelo fato de ser esposa, ou filha de algum homem 'da ciência'. Sua ocupação no meio científico se dava de forma marginal, dedicando-se na organização de coleções, limpeza de vidrarias, ilustração e tradução de textos que descreviam os experimentos científicos. Leta (2003) apresenta o caso de Marie Salomea Skłodowska Curie, considerada assistente de seu esposo Pierre Curie. O primeiro Prêmio Nobel em 1903 foi oferecido ao seu marido que dividiu com ela as honrarias e o segundo prêmio em 1911, com seu marido já falecido, ela recebeu sozinha pela descoberta do elemento químico rádio. Outras mulheres também receberam o Prêmio Nobel como Grazia Deledda (em Literatura, 1926), Irene Joliot-Curie (em Química 1935) e Barbara Mclintock (Medicina em 1983). Já o reconhecimento das mulheres na produção científica no Brasil foi ainda mais tardio, apenas no século XX.

Melo e Rodrigues (2006, 2018) trazem história de dezenove mulheres destacadas como cientistas: Alice P. Canabrava e Eulália L. Lobo (historiadoras), Bertha Lutz (bióloga), Blanka Wladislaw (química), Carolina M. Bori (psicóloga), Elisa Frota-Pessoa, Neuza Amato e Sonja Ascher (físicas), Elza F. Gomide e Marília C. Peixoto (matemáticas), Graciela M. Barroso (botânica), Johanna Döbereiner (agrônoma), Maria Josephina M. Durocher (obstetra), Maria da Conceição Tavares (economista), Maria José von P. Deane (parasitologista), Marta Vanucci (bióloga), Nise da Silveira (médica psiquiatra), Ruth S. Nussenzveig (bióloga) e Victória Rossetti (engenheira agrônoma).

Melo e Rodrigues (2006) apontam que, mais do que a estrutura social em si, as poucas mulheres que obtiveram destaque na ciência em pleno século XX no Brasil tinham especificidades familiares como elementos de impulso de suas carreiras científicas e a fuga de papéis femininos tradicionais da época. Várias das mulheres descritas pelas autoras são filhas de homens cientistas e professores que incentivaram suas filhas nos estudos. Outras ainda são nascidas na Europa ou filhas de europeus, cuja cultura nos anos 30 e 40 era mais aberta para o acolhimento da escolha feminina pelo conhecimento científico.

As gerações mais recentes do século XX trazem um crescimento da feminização da ciência no Brasil, como aponta Marques (2012), inclusive com um aumento significativo de produtividade feminina, notadamente nas gerações mais jovens. Lopes (2003) evidencia o crescimento das mulheres no universo acadêmico recente, afirmando que durante os anos 70 e 80 a presença feminina era de apenas 30%. Segundo ela,

> ...em uma análise geral da participação das mulheres doutoras nas atividades de pesquisa, os dados indicam, em proporções aproximadas, que entre aqueles que se titularam no país até 1965, para cada 6,3 homens, havia uma mulher titulada; de 1976 a 1980, para cada três homens, uma mulher se doutorava; de 1986 a 1990 a proporção era uma mulher para 1,8 homens e de 1996 a 2000 chega a quase uma para um.[44] (Lopes, 2003, s/p)

Ainda discutindo a relação da participação feminina nos espaços acadêmicos, Marques (2012) apresenta que no Brasil há uma tendência de aumento de mulheres como líderes de grupos de pesquisa, embora ainda seja minoria. Segundo ele,

Dados do Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) mostram que, em 2010, as mulheres já eram maioria entre estudantes de doutorado no Brasil, com 55,7% do total (em 2000 eram 49,1%). Em número de pesquisadores, respondem exatamente pela metade do contingente brasileiro. Mas, no rol dos líderes dos grupos de pesquisa, ainda são minoria. Elas são 45% do total de líderes, ante 39% no ano 2000. Um estudo feito pela FAPESP no ano passado também evidencia esse avanço no estado de São Paulo. Em 2010, a Fundação recebeu 19.678 solicitações de apoio de pesquisadores – 42% de mulheres. (Marques, 2012, p.30)

Gênero, prestígio acadêmico e o lugar das mulheres na geografia brasileira

A geografia como ciência tende a aparentar uma autonomia da vida concreta das pessoas que produzem esse saber. Contudo, ao nos determos de forma sistemática às estruturas organizacionais desse campo científico, é possível compreender as hierarquias, interesses e a distribuição de prestígio acadêmico entre seus agentes produtores. Cesar (2015) já apontava para uma crescente feminização do corpo discente da geografia brasileira no que diz respeito aos cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, sendo que os dados que se seguem nas figuras 1 e 2, confirmam a manutenção dessa dinâmica.

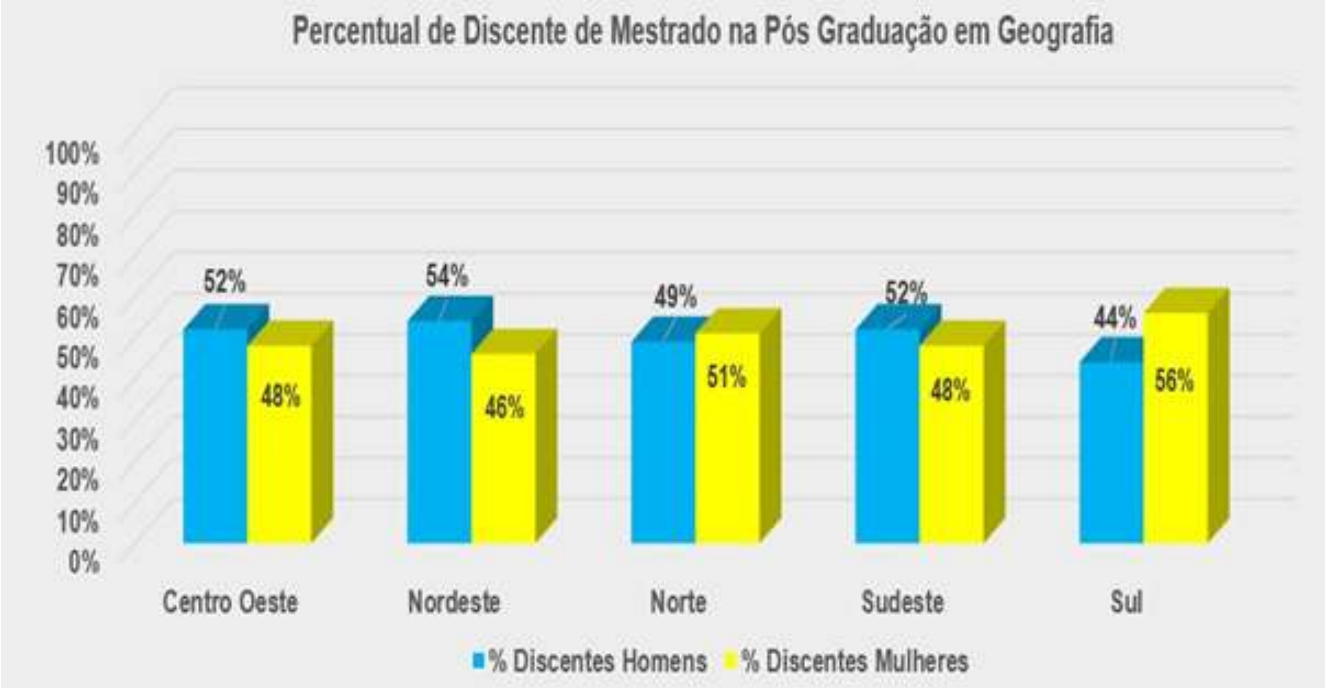

FIGURA 1 - Discentes por sexo nos cursos de mestrado de 60 programas de pós-graduação em Geografia no Brasil.
***Fonte:** Plataforma Sucupira, 2017. Organização própria*

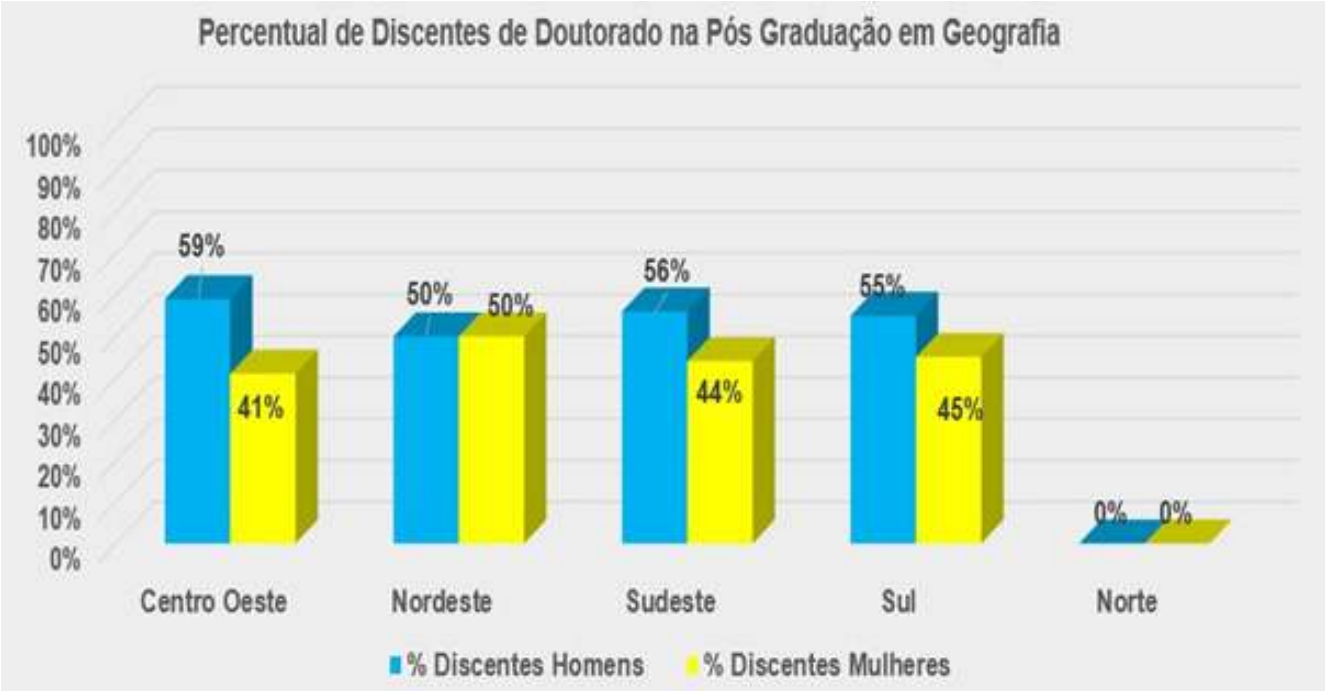

FIGURA 2 - Discentes por sexo nos cursos de doutorado de 60 programas de pós-graduação em Geografia
***Fonte:** Plataforma Sucupira, 2017. Organização própria*
**A região norte é representada por 0%, pois é a única região que não consta discentes de doutorado titulados até o momento desta pesquisa (2015). (Programas recentes)*

As figuras 1 e 2 evidenciam um notável desempenho feminino na geografia que em algumas regiões, no nível de mestrado, já ultrapassam os homens e no nível de doutorado ainda estão em pequena defasagem. O potencial feminino no campo científico é impressionante quando se pensa que as mulheres só conseguiram entrar nas universidades depois de meados do século XX. Mas essa não é uma particularidade da geografia, mas um movimento da ciência no Brasil. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP[45]) demonstra que:

> Dados do Censo da Educação Superior de 2016, última edição do levantamento, revelam que as mulheres representam 57,2% dos estudantes matriculados em cursos de graduação. No Censo da Educação Superior de 2006, as mulheres representavam 56,4% das matrículas em cursos de graduação. Já na docência, os homens são maioria. Dos 384.094 docentes da Educação Superior em exercício, 45,5% são mulheres. (INEP, 2018)

Entretanto, há pesquisas que apontam dificuldades das mulheres em permanecerem no mundo científico, conforme aponta Velho e León (1998). O tamanho do desempenho feminino como alunas de cursos de pós-graduação, no entanto, não se reflete nas posições como docentes e em cargos de coordenação dos programas de pós-graduação em geografia no Brasil. Os dados obtidos apontaram que 61,4% do corpo docente é composto por homens e apenas 38,6% de mulheres. As figuras 3 e 4 a seguir demonstram a distribuição regional.

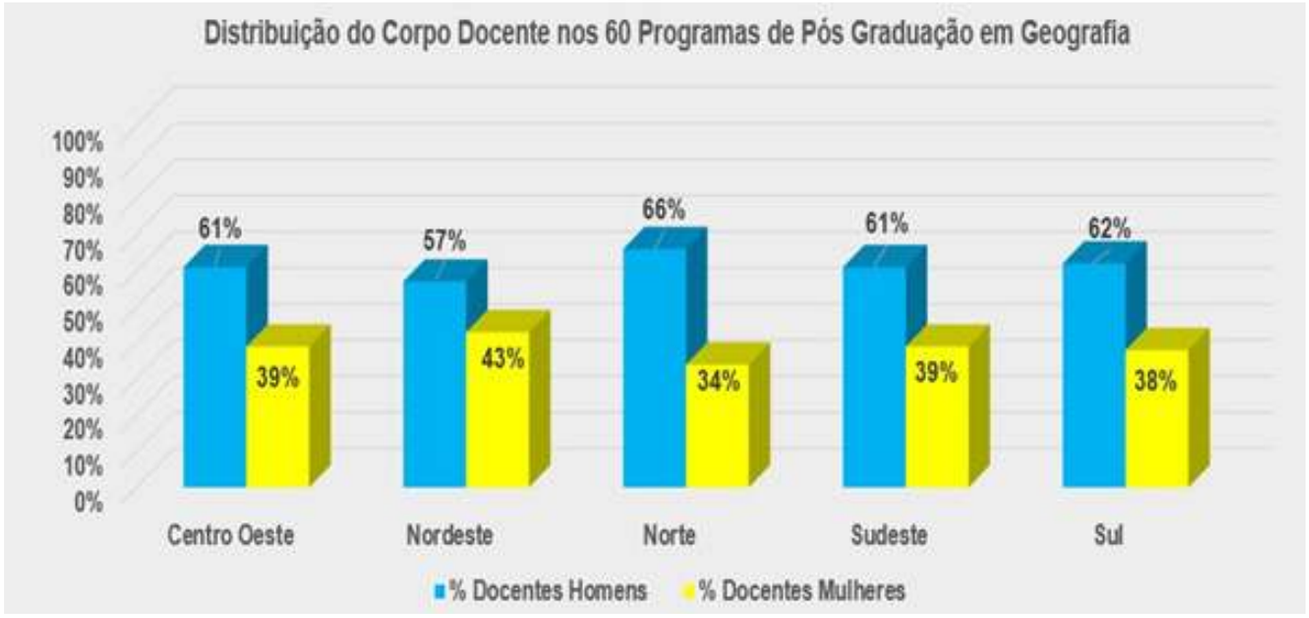

FIGURA 3 - Docente por sexo nos 60 programas de pós-graduação em Geografia
Fonte: *Plataforma Sucupira, 2017. Organização própria*

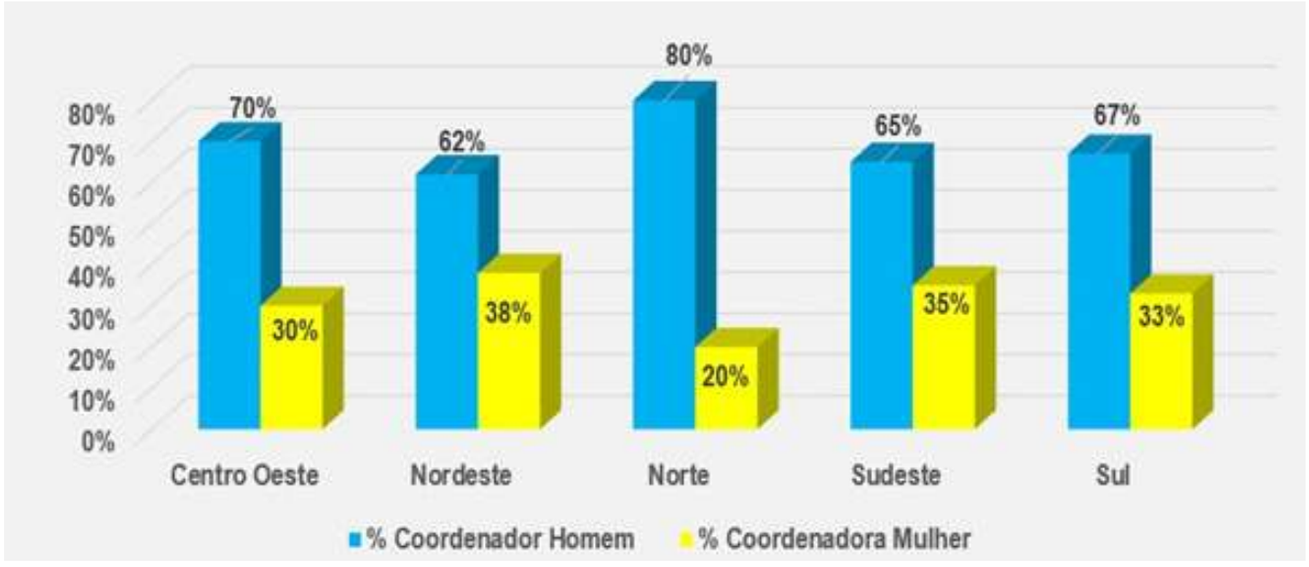

FIGURA 4 - Coordenação por sexo dos 60 pós-graduação em Geografia.

Organização própria.

A figura 4 que demonstra a distribuição de coordenação por sexo por regiões do Brasil, evidencia que esta posição é majoritariamente masculina, pois os homens ocupam 68,8% dos cargos de comando, que influencia nas políticas de organização interna dos cursos de pós-graduação, bem como possuem alcance e representação nas instituições nacionais como a Associação de Programas de Pós-graduação em Geografia.

Apesar das estruturas administrativas e de docência serem importantes para a conquista das mulheres, o prestígio acadêmico no campo científico é valorizado em termos de produção científica que são veiculados em periódicos que possuem altos níveis de qualificação, segundo o Sistema Qualis[46] da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Considerando que as mulheres fazem parte da produção científica como docentes e discentes, elas estão subordinadas às mesmas exigências que os homens em termos de produção de resultados de pesquisas a serem veiculados pelos periódicos científicos. As mulheres produzem muitos artigos, sendo que do total de artigos publicados 17.636 entre 1974 e 2015, as mulheres representam 7.022 (39,8%) de autoria, sendo que os homens representam 10.614 artigos (60,2%). Entretanto, quando se observa a distribuição dos artigos por sexo nos estratos de qualificação dos periódicos, pode-se afirmar que as mulheres não conseguem ter equidade na publicação de artigos em periódicos de maior prestígio científico. A figura 5 evidencia esta afirmação.

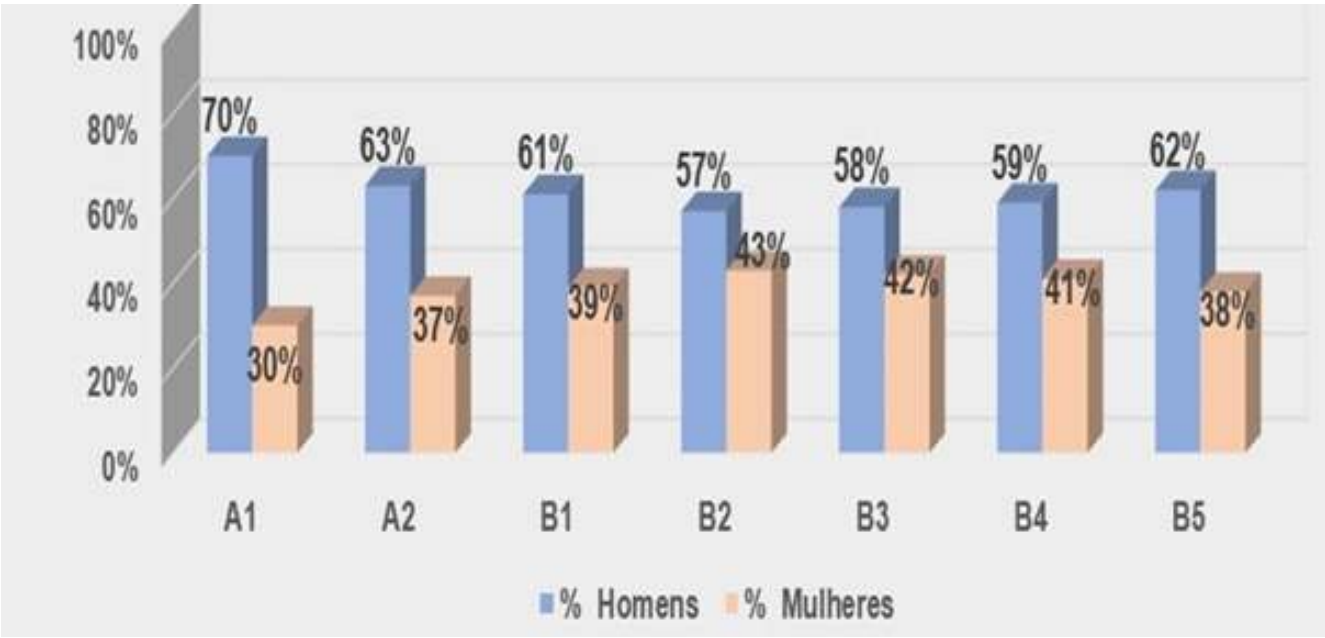

FIGURA 5 - Autoria por sexo da produção científica geográfica brasileira entre os estratos do Sistema Qualis Capes
Fonte: *Observatório da Produção Geográfica Brasileira – 90 periódicos online da Geografia Brasileira.*
Triênio 2013-2015, porcentagem com base em 17.636 artigos armazenados no banco citado. Organização própria

As mulheres são mais representativas nos estrados de menor qualificação no sistema. Pesquisadoras da produção científica como Pazzelo e Fernandes (2004) têm realizado estudos sobre as dificuldades das mulheres na produção científica e apontam as implicações do trabalho reprodutivo das mulheres e o impacto desse fator na vida laboral. A esfera reprodutiva tem sido discutida de forma contundente por pesquisadoras que reclamam sobre as regras do mercado de trabalho científico que colocam homens e mulheres com exigências iguais, sem considerar que o trabalho intelectual envolve muito mais horas de trabalho do que aquelas dispensadas apenas no espaço das universidades, como por exemplo, Deem (2003), Pujol, Ortiz e Garcia Ramon (2007/2008).

Além da produção dos artigos científicos, há também a composição dos Conselhos Editoriais que são formados majoritariamente por homens, conforme pode ser visto na figura 6. Fazer parte do corpo editorial de um periódico, significa ter poder de interferir na política de publicações e criar regras de avaliação daquilo que é considerado geográfico ou não.

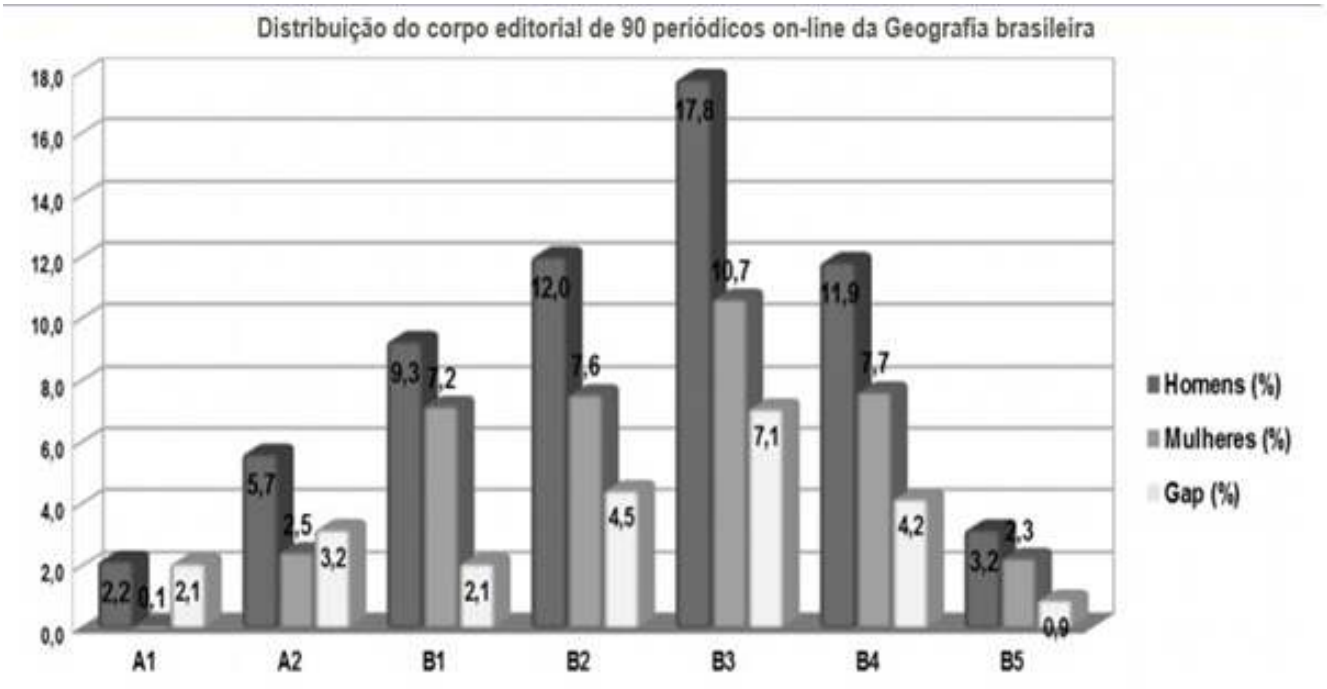

FIGURA 6 - Componentes do corpo editorial por sexo de 90 periódicos online da Geografia brasileira [47]
Fonte: *90 Periódicos online da Geografia Brasileira – triênio 2013-2015. Organização própria*

Preocupado em compreender a dinâmica de produtividade entre homens e mulheres, Pinto (2017) realiza uma pesquisa de uso do tempo entre pesquisadores da área da geografia que atuam como pesquisadores em programas de pós-graduação paranaenses. Sua pesquisa dividiu o uso do tempo entre homens e mulheres durante os dias da semana e os finais de semana. As atividades computadas foram agrupadas nas seguintes categorias 'atividade produtiva docente', 'reprodução familiar', 'lazer', 'ócio' e 'cuidados pessoais'. Ele considerou como 'Atividade produtiva docente' as aulas, horas em laboratórios, orientações e reuniões administrativas. A categoria 'Reprodução familiar' computou as atividades domésticas de limpeza e organização da casa, preparo de refeições e cuidado de outros membros da família. O 'lazer' agrupou as horas de atividades de entretenimento, como assistir TV e passear. O 'Cuidado pessoal' reuniu as horas despedidas em higiene pessoal, alimentação e prática de atividades físicas e de beleza. Por fim o 'ócio' foi considerado o tempo de repouso. Ao final de sua pesquisa, o autor chega a conclusões pertinentes para compreensão do sucesso masculino em obter maior prestígio em publicações de maior impacto acadêmico.

Pinto (2017) argumenta que durante a semana, considerando de segundas às sextas-feiras, as mulheres com filhos trabalham em média quatro horas e meia a mais que os homens na categoria 'atividade produtiva', bem como trabalham cinco horas e meia a mais do que os homens em atividades de 'reprodução familiar'. Nas categorias de ócio, lazer e cuidado pessoal, há uma inversão, sendo que os homens possuem mais horas dedicadas às essas atividades durante a semana. Nos finais de semana a mesma tendência se verifica. No geral, as mulheres trabalham mais horas e obtém menor recompensa pelo trabalho desempenhado.

Em uma época em que o trabalho docente é levado para o espaço doméstico, pode-se dizer que as mulheres possuem maior desafio do que os homens para conseguir melhorar a sua produtividade intelectual. O trabalho de escrita de resultados de pesquisa depende de concentração e muitas vezes isso é impossível para as mulheres no espaço doméstico em que as demandas que enfrentam são mais pesadas do que as dos homens. Essa imensa carga de trabalho da esfera doméstica está submersa e aparece no espaço científico como baixa produtividade, frustração e baixa autoestima.

Além das estruturas organizacionais do trabalho, é importante marcar o jogo da tradição epistemológica que prioriza determinadas concepções conceituais em detrimento de outras. Uma importante ferramenta de poder é o controle dos currículos dos programas de

pós-graduação em geografia no país e entre as disciplinas que compõem os currículos as chamadas 'epistemologia da geografia' desempenham um papel fundamental para constituir a ideia do que seja a disciplina, bem como as fronteiras e limites de conhecimento da realidade espacial.

Para compreender a estrutura das narrativas que compõem as disciplinas de epistemologia da geografia[48] foram analisadas as ementas e as referências bibliográficas de 60 programas de pós-graduação em geografia. A escolha de discorrer sobre as ementas da disciplina de epistemologia, constitui-se diante do argumento de que esse conhecimento é fortemente responsável pela construção do pensamento geográfico brasileiro. Assim, foram organizadas em sequência e os tópicos elencados, classificadas em categorias discursivas e agrupadas por frequência com que apareciam, gerando a figura 7 que se segue.



FIGURA 7 - Análise do conteúdo das disciplinas de epistemologia da geografia dos programas de pós-graduação do Brasil
Fonte: *Plataforma Sucupira – 60 ementas correspondentes aos programas de Pós-graduação em Geografia. Organização própria*

Os conteúdos classificados como 'enfoque na ciência moderna' que representam a maioria, são aqueles em que se preocupavam em construir uma ideia de dicotomia, oposição, neutralidade, essência de ciência geográfica, oposição entre conhecimento do senso comum e conhecimento científico, de 'objeto' da geografia, com ênfase de um conhecimento produzido sem que as pessoas produtoras de conhecimento fossem parte do processo, constituindo a possibilidade de uma universalização do que seja a geografia, sem considerar diferentes contextos epistemológicos entre os países.

'As correntes de pensamento' que representam a segunda maior quantidade de conteúdo. Nesta categoria estão agrupadas a forma de se compreender a geografia a partir de grandes paradigmas, ou modelos em que se explicam os métodos científicos adotados, trazendo apenas as correntes hegemônicas de cada período.

A categoria 'ideia de desenvolvimento' forma um conjunto discursivo em que há uma tendência de que uma forma de compreender a realidade é melhor e supera a anterior, sem considerar disputas e tensões, mas uma visão de sucessão. A categoria 'conceitos geográficos' reúne as menções de palavras como paisagem, lugar, espaço, território, região e escala. No conjunto discursivo não há como entender por meio do documento da ementa como os conceitos são trabalhados, como se escala, por exemplo, significasse a mesma coisa para qualquer contexto epistemológico espaço-temporal.

A categoria 'metodologia' reuniu conteúdos de operacionalização de pesquisa, elaboração de projetos e textos científicos. Pode-se dizer que apenas 15% dos conteúdos das ementas da disciplina de epistemologia da geografia dos 60 cursos de pós-graduação do Brasil apresentam a ciência como desafios a serem acolhidos por parte do campo. Na categoria 'desafios contemporâneos' são conteúdos em que aparecem temas emergentes como gênero, raça, aquecimento global. Na categoria 'superação das características da ciência

moderna' foram reunidos conteúdos sobre complexidade, poder, posicionalidade do(a) pesquisador(a), reflexibilidade, implicações da ética na produção científica e da geopolítica do conhecimento.

Esta forma de concepção da geografia estabelece um perfil de narrativa. Segundo Bell (2011) a forma com que as narrativas são construídas estabelece os limites de pensamento que se desenvolve pela comunidade científica. A narrativa vai se tornando verdade pelo ato de repetição e da autoridade de quem fala. Com a análise realizada é possível afirmar que a geografia mantém traços da modernidade e é pouco permeável aos desafios contemporâneos.

O caráter masculino da disciplina também é fortemente marcado nessas ementas. No total das 60 ementas analisadas há 1804 referências. 90,3% são obras masculinas e apenas 9,70% obras femininas. As 1804 referências foram agrupadas conforme o nome dos autores e realizado o desvio padrão para encontrar os autores com predominância de referências, chegando ao número de 594 autores. Desse total foi possível encontrar os autores com maior frequência de indicações bibliográficas, conforme a seguinte sequência de importância: Milton Santos[49], Ruy Moreira[50], David Harvey[51], Paul Claval[52], Antônio Carlos Robert de Moraes[53], Paulo Cesar da Costa Gomes[54], Horácio Capel[55], Iná Elias de Castro[56]; Roberto Lobato Corrêa[57]; Manoel Correia Andrade[58], Antonio Christofoletti[59], Edward W. Soja[60], Yves Lacoste[61], Francisco de Assis Mendonça[62], Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro[63], Eliseu Savério Sposito[64], Rogério Haesbaert[65], Edgar Morin[66]; José Borzacchiello da Silva[67], Henri Lefebvre[68], Oswaldo Bueno Amorim Filho[69], Richard Hartshorne[70], Massimo Quaini [71], Sandra Lencioni[72], Doreen Massey[73], Immanuel Kant[74], Yi Fu Tuan[75], Claude Raffestin[76], Ana Fani Alessandri Carlos[77], Antonio Carlos Vitte[78].

Os 30 autores (as) com maior impacto no campo da epistemologia da geografia brasileira, outros dois fatores podem ser considerados, o primeiro que diz respeito ao percentual de obras internacionais utilizadas e o segundo referente ao número de mulheres que compõe o quadro de referências. Dos(as) 30 autores(as) 17 são geógrafos (as) brasileiros (as) e 13 internacionais. Além disso, há apenas 4 mulheres nesse universo de geógrafos(as) que sustentam a ideia do que seja a geografia no Brasil.

As geometrias de poder que posicionam sujeitos em diferentes locais em interdependências e fluxos constitui complexas configurações do espaço acadêmico, utilizando a ideia de Massey (2000). Certamente a entrada maciça das mulheres nas últimas décadas do século XXI e a emergência dos movimentos feministas deve manter esse jogo de forças em reconfiguração.

Contudo, ainda hoje é possível afirmar os traços eurocêntricos e masculinos da geografia produzida em um país colonizado em que há fortes demandas de acolhimento de saberes plurais que superem as dicotomias e a simplificação das estruturas organizacionais de produção do saber científico.

Considerações finais

O artigo construiu a compreensão do gênero na composição das relações de poder da produção científica geográfica no Brasil. Evidenciou que um campo científico não é apenas um espaço em que as verdades são colocadas à prova para legitimação ou refutação. Há uma série de elementos que conjugam estruturas organizacionais como currículos, publicações, pessoas que possuem diferentes posições de poder e interesses. Com base na demonstração dos dados pode-se afirmar a centralidade da dominação masculina, tanto em temos operacionais da disciplina em que os homens ocupam os cargos de maior poder, como no prestígio que obtém na produção científica.

Há forte feminização do campo da geografia em termos de presença feminina. Entretanto, a presença não é suficiente para garantir legitimação de demandas de conhecimento geográfico que contemple as mulheres e que seja instrumento de equidade de gênero.

A geografia brasileira é branca e masculina, mas a hegemonia desse perfil de compreen-

são do espaço tem sido tensionada e com este artigo esperamos ter construído a visibilidade das mulheres e a crítica ao falocentrismo. A realidade generificada tende a ser naturalizada, contudo, é preciso problematizar as hierarquias sociais que provocam injustiças. Pensar a ciência como um campo de luta, chama mulheres e negros à luta para desmobilizar o sexismo e a branquitude que coloca grupos sociais fora da possibilidade de produção e partilha de saber geográfico.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977. 225p.

BELL, David. **O que foi terá sido: A Geografia a partir do queer**. In: SILVA, J. M.; SILVA, A. C. P. da. Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 201-214.

BOURDIEU, Pierre. **A gênese dos conceitos de habitus e campo** In: BOURDIEU, P. Poder simbólico. Portugal/Brasil: Difel/Bertrand, 1989

BOURDIEU, Pierre. "**O campo científico"** In: Pierre Bourdieu: *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais. pp. 122-123.

CESAR. Tamires Regina Aguiar de Oliveira. '**Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013**'. 2015. 138f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território), Programa de Pós-Graduação em Gestão do Território. UEPG, Ponta Grossa-PR.

DEEM, Rosemary: "Gender, organizational cultures and the practices of manager-academics in UK Universities", en: **Gender, Work and Organization**, vol. 10, Nº 2 , 2003, pág. 239-259.

FERNANDES, Fernanda. A história da educação feminina. **MultiRio**. 2019. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina> Acesso em: 10/06/2020.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências. Introdução à filosofia e à ética das ciências.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, p. 319.

LETA, Jacqueline. " As mulheres na ciência brasileira: crescimentos, contraste e um perfil de sucesso. **Estudos Avançado**, v.17, n. 49, p. 271-284, set 2003.

LOPES, Maria Margaret. Gênero e ciências no país: exceções à regra? **Com Ciência**, n. 50. Dez/Jan 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/mulheres/01.shtml> Acesso em: dez de 2018.

Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira. INEP, 2018. Disponível em < http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206>. Acesso em 20 de dezembro de 2018.

MARQUES, Fabrício. Limites na diferença. **Revista Pesquisa FAPESP**. Ed.196, junho, 2012.

MASSEY, Dorren. **Um sentido global de lugar**. In: ARANTES, Antonio A. (Org.). O espaço da diferença. SP: Papirus, 2000, pp. 176-185

MASSEY, Dorren B. **Pelo espaço:** uma nova política da espacialidade**.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

McDOWELL, Linda. **Gender, identity and place: understanding feminist geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

McDOWELL, Linda; PEAKE, Linda. Women in British geography revisited: or the same old story. **Journal of Geography in Higher Education**, v.14, n.1, p.19, 1990.

MELO, Hildete Pereira de, RODRIGUES, Ligia. **Pioneiras da ciência no Brasil**. Rio de Janeiro: SBPC, 2006.

MELO, Hildete Pereira de, RODRIGUES, Ligia. Pioneiras da ciência no Brasil: uma história contada doze anos depois. **Ciência e Cultura.** v. 70, n. 3, p. 41-47, 2018. http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602018000300011

MIGNOLO, Walter. **"Os esplendores e as misérias da "ciência: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluriversalidade epistêmica**." In: SANTOS, Boaventura de Souza. Conhecimento prudente para uma vida descente. São Paulo: Cortez, 2004. p 668 – 709

MONK, Janice, HANSON, Susan."On Not Excluding Half of the Human in Human Geography" . The Professional Geographer, v. 34, n 1, p. 11-23, 1982.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Portugal, Europa-América, 1996

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, vol 11, nº 3, p. 647-654, set/dez 2006.

PAZELLO, Elaine Toldo. FERNANDES, Reynaldo. A maternidade e a mulher no mercado de trabalho: diferença entre comportamentos entre mulheres que têm e mulheres que não têm filhos. **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA**, v. 31, 2004

PINTO, Vagner André Morais. **Gênero e vivência cotidiana na instituição do espaço da produção científica geográfica paranaense.** 2017. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Gestão do Território. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

PUJOL, Hermínia; ORTIZ, Anna; GARCIA RAMON, Maria Dolors. La Presencia y La Carrera Profesional de Las Mujeres en La Geografía Académica. Estudio de Las Peculiaridades Del Caso Español. **Estudios Socioterritoriales Revista de Geografia.** nº 7, p. 136 - 159, 2007/2008

ROSE, Gillian. Progress in geography and gender - or something else. **Progress in Human Geography**, v.17, n.4, p. 531-537, 1993.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência ?** Londa Schiebinger ;tradução de Raul Fiker. Bauru. SP: EDUSC, 2001.384 p.

SILVA, Joseli Maria Silva. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista ao discurso geográfico brasileiro. In: SILVA, Joseli Maria: **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p.25-54.

SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula; ARRISCADO, João Nunes João. "Introdução: para ampliar o cânone da ciência – a diversidade epistemológica do mundo. In SOUSA SANTOS, Boaventura (org.). **Semear outras soluções: Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

VELHO, Léa. LÉON, Elena. A Construção Social da Produção Científica por Mulheres. **Cadernos Pagu**. nº 10, p.309-344, 1998

Notas

1. Foram escolhidos 60 programas de pós-graduação em Geografia, pois no ano de 2017, este era o número de pós em Geografia, existentes no Brasil.
2. Os 17.636 artigos coletados encontram-se armazenados no Observatório da Produção

Geográfica Brasileira, sendo que essas informações estão sendo alimentadas desde 2011.

3. Pseudônimo para John Augustine Zahm;
4. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/13.shtml> Acesso em 18 de Maio de 2020.
5. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206> Acesso em 20 de dezembro de 2018.
6. O Sistema Qualis Capes possui um ranking de valorização de periódicos científicos por área de conhecimento, do mais valorizado ao menos: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5.
7. *GAP* significa diferença. Para a sociologia gap serve para descrever uma lacuna ou disparidade entre elementos de uma classe social mais elevada em relação aos elementos de uma classe social mais desfavorecida. Disponível em: < http://www.significados.com.br/gap/> Acesso em 18 de Maio de 2020
8. É importante marcar que às vezes o monte da disciplina é diferente, mas reflete a ideia do que é a concepção teórica e metodológica da Geografia brasileira.
9. A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção; Por uma Geografia nova; Espaço e método
10. O Pensamento Geográfico Brasileiro. As matrizes Clássicas Originárias; Para Onde Vai o Pensamento Geográfico? Por uma Epistemologia Crítica; O pensamento geográfico brasileiro. Vol. 2 - As matrizes da renovação.
11. Condição Pós-Moderna; A Produção Capitalista do Espaço; Espaço de Esperança
12. Epistemologia da Geografia; Evolución de la Geografía Humana; História da Geografia
13. A gênese da Geografia moderna; Geografia: Pequena História Crítica; Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil.
14. Geografia e Modernidade; O Espaço da Modernidade; Um lugar para a Geografia: contra o simples o banal e o doutrinário.
15. Filosofía y ciencia en la geografía contemporânea
16. Geografia: Conceitos e Temas; Explorações geográficas: percursos no fim do século.
17. Trajetórias Geográficas; Paisagem, Tempo e Cultura; Região e organização espacial.
18. Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico; Élisée Reclus; Uma Geografia para o Século XXI.
19. Perspectivas da Geografia; Análise de Sistemas em Geografia.
20. Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria crítica
21. A Geografia? Isso serve, em primeiro lugar pra fazer a guerra
22. Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea; Geografia Física: ciência Humana?
23. A Geografia no Brasil (1934-1977). Avaliação e Tendências. Instituto de Geografia; Clima e excepcionalismo: conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico.
24. Geografia e Filosofia. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico.
25. O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade; Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste; Regional Global: Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea

26. Ciência com Consciência; O método I: a natureza da natureza
27. O Cotidiano na Metrópole
28. Lógica formal / lógica dialética
29. A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais.
30. Propósitos e natureza da Geografia
31. A Construção da Geografia Humana; Marxismo e Geografia
32. Região e Geografia.
33. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade; Um Sentido Global de Lugar
34. Géograpfie; Crítica da Razão Pura; Critique of the power of judgment
35. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência; Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente
36. Por uma Geografia do poder